

Onde podemos encontrar a impressão digital da legendista? Um estudo sobre o emprego da colocação pronominal e de marcadores discursivos em legendas de *Star Trek: Enterprise* / *Where can we find the subtitler's thumb-print?*
A study on the use of pronoun placement and discourse markers in Star Trek: Enterprise subtitles

Janailton Mick Vitor da Silva*

Professor EBTT na área de Letras no IF Goiano - Campus Campos Belos. Mestre em Estudos da Tradução pela Universidade de Brasília (UnB). Licenciado em Letras - Língua Inglesa pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Tem experiência na área de Letras e Estudos da Tradução, atuando nos seguintes temas: Tradução Audiovisual, Linguística de Corpus, Estudos da Tradução Baseados em Corpus e Ensino de Inglês como Língua Estrangeira.

 <http://orcid.org/0000-0002-5137-5473>

Alessandra Ramos de Oliveira Harden**

Professora do quadro permanente do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília desde 1996. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em ensino de: tradução (teoria e prática), língua Inglesa, redação e leitura (língua inglesa e portuguesa). Atualmente, realiza pesquisa em história da tradução, tradução de textos feministas e tradução audiovisual, com interesse especial em possibilidades de diálogo com o direito, a história, a educação e a filosofia.

 <https://orcid.org/0000-0003-2473-057X>

Recebido: 11 dez. 2019. Aprovado em: 13, jan. 2020

Como citar este artigo:

SILVA, Janailton Mick Vitor da; OLIVEIRA HARDEN, Alessandra Ramos de. Onde podemos encontrar a impressão digital da legendista? Um estudo sobre o emprego da colocação pronominal e de marcadores discursivos em legendas de *Star Trek: Enterprise*. **Revista Letras Raras**, [S.l.], v. 9, n. 1, mar. 2020. p. Port. 184-207 / Eng. 182-205. ISSN 2317-2347, UFCG: Campina Grande, 2020.

RESUMO

Este artigo apresenta alguns resultados de uma pesquisa de mestrado que objetivou caracterizar o estilo de uma legendista. O foco deu-se na forma que ela empregou a colocação pronominal e marcadores discursivos (MDs) em legendas em Português Brasileiro, feitas para episódios da série de TV *Star Trek: Enterprise*. A investigação afiliou-se metodologicamente aos Estudos da Tradução Baseados em *Corpus*, por meio do auxílio de programas do *WordSmith Tools*®, 7, o *WordList* e o *Concord*, para análise de dois *corpora*. O *corpus* de estudo é formado por arquivos de legendas disponíveis na Netflix, em português brasileiro, dos episódios 10 e 11 (temporada 1) e 16 e 24

*

 janailtonm@gmail.com

**

 oliveira.ales@gmail.com

 <http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v1i9.1666>

(temporada 2), enquanto o *corpus* de referência é composto por outros arquivos de legendas das mesmas temporadas da série feitos por outros legendistas. Os resultados mostram que a impressão digital da legendista em estudo pode ser encontrada na sua preferência pela ênclise e por MDs mais facilmente aceitos nos guias normativos de legendagem da Netflix. Sendo assim, nota-se seu uso variado de registros linguísticos, especialmente do registro formal da língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Impressão digital da legendista. Registros linguísticos. Colocação pronominal. Marcadores discursivos.

ABSTRACT

This article presents some results of an MA research that aimed to characterize the style of a subtitler. The focus has been given to the way she employed pronouns and discourse markers (DMs) in some Star Trek: Enterprise Brazilian Portuguese subtitles. The methodological principles followed draw on Corpus-based Translation Studies, through the application of WordSmith Tools® 7 programs, WordList and Concord, to analyze two corpora. The study corpus consists of Netflix subtitle files for episodes 10 and 11 (season 1) and episodes 16 and 24 (season 2), while the reference corpus consists of other subtitle files from the same seasons made by different subtitlers. Results have shown that the subtitler's thumb-print may be found in her preference for enclisis and DMs more easily accepted by Netflix's normative subtitling guides. Thus, it can be noted her varied use of linguistic registers, especially the formal register of the Portuguese language.

KEYWORDS: Subtitler's thumb-print. Linguistic registers. Pronoun placement. Discourse markers.

1 Introdução

Traduzir textos audiovisuais é uma prática bastante frequente nos dias de hoje, tendo em vista a multiplicidade de obras polissemióticas disponíveis no mercado. Esse exercício tradutório toma forma a partir de algumas modalidades de tradução, como, por exemplo, a legendagem, que passa a abarcar textos fontes (TFs) de natureza polissemiótica, isto é, compostos por signos de natureza diversa (GOTTLIEB, 2005), desde os imagéticos aos acústicos.

Nesse âmbito, a produção de legendas é deixada a cargo do que aqui chamamos, ao menos no âmbito profissional, de legendista. Em meio a um trabalho que se equipara àquele de um equilibrista, por lidar com variados aspectos oriundos da prática da legendagem, o legendista, sujeito a guias normativos de empresas para as quais exerce seu ofício, trabalha concomitantemente com questões que vão desde o controle demorado do tamanho do texto a ser exposto na tela até a quantidade de tempo disponibilizado para leitura da legenda. Escolhas linguísticas padecem assim a variadas regras que subjazem o fazer tradutório desse profissional.

Sem desconsiderarmos essas questões, certamente intrínsecas a qualquer análise ou avaliação que façamos dessa prática, o nosso olhar recai mais de perto sobre aquele que, ao mesmo tempo em que lida com variados desafios, fornece-nos legendas que nos permitem ter acesso a materiais audiovisuais que talvez não pudéssemos ter da mesma maneira: o legendista. Mais especificamente, o nosso foco jaz nas escolhas linguísticas feitas por esse

profissional e que resultaram na construção de legendas que ora se fixam na imagem do produto audiovisual em apreço.

Para nos debruçarmos sobre tais escolhas, seguimos a linha de investigação dos estudos de estilo do tradutor iniciados por Mona Baker (2000) na virada do milênio. Àquela época, a pesquisadora já definia o estilo do tradutor como a impressão digital desse profissional, expressa consistentemente por meio de características linguísticas e não linguísticas variadas (BAKER, 2000). Anos mais tarde, Saldanha (2011a) definia esse conceito como a maneira de traduzir do tradutor, passível de ser detectada em mais de uma tradução sua em comparação com o trabalho de demais tradutores.

Baseados na compreensão do conceito de tradutor neste contexto, buscamos, no presente artigo, apresentar alguns resultados oriundos de nossa pesquisa de mestrado (SILVA, 2018). Para trabalharmos com a figura do legendista, debruçamo-nos sobre as suas escolhas linguísticas que podem caracterizar seu estilo, ou sua maneira própria de traduzir. Para tanto, centramo-nos no trabalho feito por uma legendista brasileira, Talita Ribeiro, para a Netflix. Entre variadas produções da profissional, concentramo-nos nas legendas, em Português Brasileiro (PB), da série de TV *Star Trek: Enterprise* dos episódios 10 e 11 (temporada 1) e 16 e 24 (temporada 2). Ademais, realizamos a comparação das escolhas feitas pela legendista com outras feitas por outros tradutores da série para demais episódios de ambas as temporadas supracitadas. Vale adicionar que, para realização da pesquisa mencionada e para publicação de demais trabalhos oriundos da dissertação, tal como este, assinamos um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em conjunto com a legendista em estudo.

Para determinarmos o cerne desta investigação, partimos de alguns pontos da entrevista concedida pela legendista, que pode ser conferida em sua totalidade em Ribeiro (2018). Talita Ribeiro tem formação e ampla experiência nas áreas de Tradução-Ínglês e revisão de textos, com atuação como legendista há pelo menos treze anos e, à época da entrevista, como revisora da Editora da UnB. A tradutora, em sua entrevista, assegura que a oralidade traz desafios para a tradução de legendas, o que a leva a questionar sobre as “[...] regras gramaticais que em geral não são utilizadas na fala. Ou seja, será que posso usar ‘tá’ [...] etc.? Posso iniciar a fala com um pronome (como fazemos na língua oral)?” (RIBEIRO, 2018, p. 514). Além disso, ao afirmar que as instituições para as quais trabalhara anteriormente e trabalhava na época da entrevista influenciavam seu fazer tradutório, ela adicona: “[...] dentro do razoável, vejo que mantenho

certas regras da gramática normativa que usamos pouco no discurso oral (ex.: uso do *lhe*). [...] Meu estilo é mais intermediário entre o coloquial e o formal.” (RIBEIRO, 2018, p. 515).

Com base nessas asserções, percebemos que os dados da entrevista elencaram duas extremidades (1ª: oralidade VS. escrita; 2ª: coloquial VS. culto) que poderiam convergir para o mesmo ponto, isto é, a escrita (a legenda enquanto produto final) como o lugar da norma culta e que elimina aspectos informais supostamente tidos como da oralidade. No intuito de verificarmos se as afirmações da legendista poderiam ser reveladas por evidência empírica coletada nos *corpora* desta pesquisa, buscamos investigar o seu estilo com base no dois aspectos linguísticos mencionados na entrevista: a colocação pronominal e os marcadores discursivos (MDs).

Para conduzirmos esta investigação, buscamos afiliações metodológicas nos Estudos da Tradução Baseados em *Corpus* (ETBC) (BAKER, 1993; 1995; 1996; 2000; BERBER SARDINHA, 2004; 2009; SALDANHA 2011a; 2011b), ao fazermos uso das ferramentas *WordList* e *Concord* do programa da Linguística de *Corpus* (LC), o *WordSmith Tools*® (*WST*), versão 7, para detectarmos alguns pronomes e MDs e observarmos seus usos em contexto nos *corpora* compilados. A partir desse programa, caracterizamos o estilo da legendista, como será descrito a partir da próxima seção.

2 Caracterizando o estilo da legendista: questões teóricas sobre recursos estilísticos

No campo da tradução audiovisual (TAV), as legendas, em geral, devem: i) aparecer em sincronia com imagem e diálogo; ii) fornecer uma tradução semanticamente adequada do diálogo da língua fonte; e iii) permanecer na tela o suficiente para sua completa visualização (CHAUME, 2004; DÍAZ CINTAS; REMAEL, 2007; GEORGAKOPOULOU, 2009; GOTTLIEB, 2005). Segundo os manuais de estilo da Netflix, utilizados por Talita Ribeiro como guias para a confecção das legendas, as legendas precisam ter no máximo 42 caracteres por linha e permanecer por até 7 segundos na tela (NETFLIX, 2019a; 2019b), além de seguir outras inúmeras especificações.

A origem dessas legendas é, à primeira vista, o texto oral produzido pelos personagens a partir de um roteiro em sua modalidade escrita, manipulado de forma que parece soar como se fosse falado. No entanto, a legenda não advém somente desse texto verbal produzido com base numa oralidade pré-fabricada, mas também de demais recursos polissemióticos que, concomitantemente, trabalham para compor a obra audiovisual como um todo (CHAUME, 2004;

DÍAZ CINTAS; REMAEL, 2007). É a partir desse fenômeno que se observa o desenrolar da tradução intersemiótica (JAKOBSON, 2000), em que signos não verbais visuais e acústicos são traduzidos para signos verbais na modalidade escrita, nesse caso, em legendas (GOTTLIEB, 2005).

Submetido a esse ambiente polissemiótico, o legendista precisa também levar em conta regras de legendagem instituídas por determinadas empresas, como é o caso daquelas veiculadas nos Guias de Estilo Geral e do Português Brasileiro da Netflix, no contexto da presente investigação. Entre as variadas questões previstas no guia de estilo da Netflix para produções no PB (NETFLIX, 2019b), destaca-se, para os interesses deste trabalho, o trato com o registro linguístico a ser adotado pelo legendista, que pode ser tanto a norma culta quanto a coloquial, desde que esses registros sejam adequados à natureza do programa legendado. Nesse contexto, a língua falada dos personagens e a legenda do tradutor podem, no caso de textos audiovisuais, igualmente variar entre o oratório e o íntimo, e do hiperformal ao pessoal, respectivamente, segundo as classificações de registro de Bowen (1972 apud TRAVAGLIA, 2006). Outras variações podem ser visualizadas no quadro abaixo:

Quad. 1 – Variantes de grau de formalismo, de acordo com Bowen¹ (1972 apud TRAVAGLIA, 2006, p. 54-55).

VARIÇÕES DE REGISTROS POR MODALIDADE DA LÍNGUA	
LÍNGUA ORAL	LÍNGUA ESCRITA
Oratório	Hiperformal
Formal (Deliberativo)	Formal
Coloquial	Semiformal
Casual (Coloquial distenso)	Informal
Íntimo (Familiar)	Pessoal

Fonte: SILVA (2018, p. 45).

A adoção de mais de um registro linguístico pode contribuir para a caracterização do estilo de um determinado indivíduo quando legenda uma obra específica, como é o caso da legendista em enfoque, ao traduzir quatro episódios da série de TV *Star Trek: Enterprise* (SILVA, 2018). Nesse sentido, para a presente investigação, a noção de estilo refere-se “[...] à forma como a língua é usada num dado contexto, por certa pessoa, para um fim específico etc.”² (LEECH; SHORT, 2007, p. 9). Em outras palavras, essa definição implica dizer que toda escolha feita dentro da língua advém de um sujeito que, num contexto social e específico, busca impactar sua audiência de certo modo. Estilo é também entendido como a “[...] forma pessoal de

¹ BOWEN, J. Donald. A multiple register approach to teaching English. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 35-44, 1972.

² “[...] to the way in which language is used in a given context, by a given person, for a given purpose, and so on”. (LEECH; SHORT, 2007, p. 9).

expressão [...]” desse indivíduo (GARCIA, 2006, p. 123), ao empregar “[...] recursos fonológicos, morfológicos, sintáticos, lexicais, semânticos, discursivos da língua para expressar, oralmente ou por escrito, pensamentos, sentimentos, opiniões, etc.” (HENRIQUES, 2011, p. 27).

Além dessas definições, é importante levar em conta, dentro dos estudos da tradução, a conceituação de estilo do tradutor, originária de Baker (2000, p. 245), para quem esse estilo é “[...] um tipo de impressão digital, expressa em uma variedade de características linguísticas e não linguísticas”³, e complementada em outras pesquisas, como nas de Saldanha (2011b, p. 31), para quem estilo é uma “forma de traduzir” do tradutor, reconhecível em mais de uma tradução sua em comparação com o trabalho de demais tradutores, constituindo assim um padrão coerente de escolhas independentemente do estilo do autor e do texto fonte (TF) e de limitações linguísticas. No campo da legendagem, o conceito de estilo do tradutor de legendas é compreendido de forma similar àquele das pesquisadoras, como observa SILVA (2018, p. 43):

O estilo do(a) legendista é a forma de expressão do(a) tradutor(a) em comparação à forma de expressão de outros(as) legendistas, forma esta caracterizada por um conjunto de hábitos linguísticos observados em mais de um trabalho desse(a) mesmo(a) tradutor(a), que, ao ser submetido(a) às influências estilísticas da legendagem, apresenta padrões consistentes de escolhas estilísticas motivadas por determinados propósitos e capazes de gerar múltiplos efeitos.

Baseando-se nessa definição, compreende-se que o estilo do(a) legendista é caracterizado por sua forma de expressão de uso da língua ao produzir legendas. Essa mesma forma de expressão constitui-se por hábitos linguísticos que são passíveis de observação consistente em variados trabalhos feitos por esse(a) mesmo(a) legendista. Sua forma de expressão precisa, também, ser comparada à forma de expressão de outros(as) legendistas, para que assim seja possível caracterizar sua maneira particular e individual de empregar a língua nas legendas, isto é, seu estilo.

Diante do exposto, como observado em nossa pesquisa (SILVA, 2018) e já mencionado anteriormente neste artigo, foram observados alguns recursos estilísticos que apontaram para a construção do estilo da legendista, como é o caso da colocação pronominal e o uso de MDs. Esses recursos, empregados pela tradutora de formas específicas em seus respectivos contextos de uso, caracterizaram as legendas finais em mais de um registro linguístico dentro do quadro de Bowen (1972 apud TRAVAGLIA, 2006, p. 54-55).

³ “[...] a kind of thumb-print that is expressed in a range of linguistic — as well as non-linguistic — features.” (BAKER, 2000, p. 245).

Nos estudos teóricos da colocação pronominal, observa-se que, ao apoiar-se em um verbo, o clítico estabelece determinada relação com ele e, portanto, é referido de diferentes maneiras dentro da terminologia linguística. Por exemplo, a ênclise se dá quando o clítico vem depois do verbo: “Desculpe-me, alferes.” (STT1E11_T⁴); a próclise quando ele se encontra antes do verbo: “Se me der licença, doutor.” (STT2E16_T⁵); e a mesóclise quando está entre o radical e a desinência do verbo conjugado nos tempos futuro do presente ou do pretérito: “Dar-me-ás a notícia.” (BECHARA, 2004, p. 588). Segundo Galves e Abaurre (2002, p. 289), “no PB, a regra geral é a próclise”, com o clítico aparecendo junto ao verbo temático, enquanto a ênclise é, segundo as pesquisadoras, “[...] um fenômeno altamente marginal [...]” na língua (GALVES; ABAURRE, 2002, p. 289). Assim, observa-se que a regra geral do PB é a próclise, com o clítico posicionando-se antes do verbo principal (BAGNO, 2011; BECHARA, 2004; CUNHA; CINTRA, 2008; FARACO; MOURA, 2003; GALVES; ABAURRE, 2002).

Refletindo sobre a questão estilística, Faraco e Moura (2003) asseguram que a colocação pronominal possibilita a identificação do estilo do usuário, tanto quanto o registro linguístico adotado. Segundo os autores, a próclise, na fala ou na escrita, caracteriza-se “[...] por ser mais espontânea e informal [...]” (FARACO; MOURA, 2003, p. 567), enquanto “[...] o uso da ênclise também pode ser atribuído ao contato com a escrita [...]” (GALVES; ABAURRE, 2002, p. 294), mais especificamente com a escrita formal.

Além do uso da colocação pronominal, outro recurso estilístico que serve para caracterizar o estilo da legendista é a (não) utilização de MDs nas legendas (SILVA, 2018), como é o caso de *não é?* vs. *né?* e *tá(!)* vs. *certo* no contexto desta investigação. Dentro de estudos teóricos, MDs são conceitualmente caracterizados como marcadores a partir das funções que exercem no discurso co-construído pelos interlocutores e adquirem esse papel no seu contexto de uso. Ao serem utilizados por esses agentes, acabam servindo para mostrar suas identidades pessoais e sociais, transmitir suas atitudes, realizar ações e negociar relações entre o eu e o outro (SCHIFFRIN, 2001).

Marcuschi (2003) divide as funções dos MDs em sintáticas e conversacionais. Eles servem para iniciar, encaminhar, fechar e retomar os tópicos discursivos, aparecendo, assim, em três posições: inicial, medial e final. O pesquisador ressalta ainda que, no caso do ouvinte, os MDs aparecem em pontos de concordância e discordância com o tópico.

⁴ Episódio 11 da 1ª temporada de *Star Trek*.

⁵ Episódio 16 da 2ª temporada de *Star Trek*.

Alguns MDs do PB, como *não é* e *né*, são usados, em geral, para pedir confirmação ao ouvinte, mas Martelotta e Alcântara (1996) sinalizam outros usos mais específicos, especialmente em relação ao MD *né?*, tais como: i) pergunta retórica, que não pede a resposta do ouvinte; ii) indicativo de que o falante pede um retorno do ouvinte, em certos contextos; iii) comentário avaliativo do falante referente à sua própria narrativa e ao tópico discursivo; iv) preenchedor de pausa, que antecipa o que será dito a seguir. Ademais, vale ressaltar que o marcador *né?* sofre redução fonética, “[...] resultado da trajetória não é verdade? > não é? > né?” (MARTELOTTA; ALCÂNTARA, 1996, p. 156). Se traduzidos, esses MDs podem, muitas vezes, advir do que em inglês se chamam *tag questions* (perguntas de confirmação usualmente encontradas ao fim da oração). De acordo com Downing e Locke (2006), essas *tag questions* pedem uma resposta do ouvinte e têm função basicamente interativa, ou fática, conforme observado por Urbano (2006) em sua pesquisa. Além disso, o uso dessas *tag questions* é mais frequente em conversações informais do que formais, conforme Tottie e Hoffmann (2006) observaram em sua pesquisa. No PB, os MDs, tais como essas *tag questions*, podem indicar essa bipolaridade de registros a depender do contexto sociodiscursivo de uso (RISSO; OLIVEIRA E SILVA; URBANO, 2006).

Em relação ao MD *tá(!)* do PB, nota-se que ele sofre perda de massa fônica: “está bom?/está bem? > tá bom?/tá bem? > tá?” (MARTELOTTA, 2009, p. 89). Em discursos orais, ele pode ser usado de forma retórica (pois não pede retorno do ouvinte) e não retórica (pois pede retorno, concordância, aceitação do ouvinte), como também para refletir “hesitações, estratégias de reformulação ou de topicalização de informações no decorrer da fala” (MARTELOTTA, 2009, p. 93).

Para os propósitos desta investigação, observou-se que, nos manuais de estilo da Netflix, não há restrição clara à tradução de MDs, apenas quando se tratar de algumas contrações, como *né* e *tá* (NETFLIX, 2019b, n/p), que, segundo o manual, devem ser evitadas, exceto em versões de legendagem para surdos e ensurdecidos.

Tendo esta seção explicitado o aporte teórico base deste artigo, na seção seguinte, são apresentados os passos metodológicos para o desenvolvimento da pesquisa.

3 Aspectos metodológicos para a construção do estilo da legendista: uma pesquisa baseada em *corpus*

Esta pesquisa se insere dentro dos ETBC, uma vez que faz uso de arquivos eletrônicos de TFs e textos traduzidos (TTs) e utiliza um programa computacional para fins de análise linguística sob uma perspectiva descritiva (BAKER, 1995; 1996; CAMARGO, 2007). Aqui, o termo *corpus* é recorrente e é entendido como uma coleção de textos em formato eletrônico, que podem ser analisados de forma automática e/ou semiautomática (BAKER, 1996).

Para o desenvolvimento desta pesquisa, fizemos uso das ferramentas *WordList* e *Concord* do programa *WST*®, versão 7, para detectarmos alguns pronomes e MDs e observarmos seus usos em contexto em dois *corpora*, um de estudo e outro de referência. Antes de utilizarmos tal programa, foi necessário seguir algumas etapas, como compilar, editar e preparar os textos dos *corpora*.

Na primeira etapa, os *corpora* a serem compilados eram formados por arquivos de textos coletados de episódios da primeira e segunda temporadas da série de TV *Star Trek: Enterprise*, produzidas por Rick Berman e Branno Braga e disponibilizadas pela Netflix para assinantes. Para cada um dos episódios, o TF consistia na transcrição cronometrada de áudio em língua inglesa, enquanto que o texto traduzido (TT) correspondia às legendas cronometradas em PB. Sendo assim, esse material permitiu a compilação dos seguintes *corpora*:

- 1) um *corpus* de estudo composto por TTs em PB por Talita Ribeiro, a partir de TFs em inglês americano, abreviado como CETAR;
- 2) um *corpus* de referência composto por TTs em PB por outros legendistas, a partir de TFs em inglês americano, nomeado de CROL;
- 3) um *corpus* paralelo formado por TTs por Talita (CETAR) e seus respectivos TFs, abreviado como CPTR. Em ambos os *corpora*, os TFs eram transcrições de áudio em inglês, no formato *Closed Caption* (CC), e os TTs eram as legendas em PB feitas por outros legendistas.

No caso do CETAR, os textos abrangiam os episódios 10 e 11 da primeira temporada e os episódios 16 e 24 da segunda temporada. No caso do CROL, os textos englobavam os episódios de 1 a 5 e 20 a 25, da primeira temporada, e de 1 a 4, 9 a 11, 18 a 21 e 26, da segunda temporada. Nos arquivos compondo o CETAR e o CROL, utilizamos algumas siglas para identificação mais eficiente, como STT1E10_T, que corresponde ao Episódio 10 da Temporada 1 de *Star Trek* legendado pela tradutora Talita, e o STT2E26_O, que se refere ao Episódio 26 da Temporada 2 da série legendado por outro tradutor.

Após a compilação dos *corpora*, fizemos a edição dos arquivos de legendas neles incluídos, utilizando um programa de legendagem, o *Subtitle Edit*⁶ (versão 3.5.5). Aqui, o programa serviu para eliminar etiquetas de identificação sonora e algumas etiquetas HTML de todos os arquivos de legendas em inglês e em PB, bem como adicionar novas legendas e etiquetas.

Por fim, no intuito de prepararmos cada arquivo de legenda para posterior uso no *WST*© e para análise dos dados, procedemos à edição e formatação das legendas, que estavam em arquivos em extensão *.srt*, utilizando o *Microsoft Office Word 2007* e, a posteriori, ao alinhamento dos textos do CETAR, usando o *Microsoft Office Excel 2007*. Na fase de edição e formatação, todos os arquivos de legendas foram processados. No entanto, apenas as legendas do CETAR foram alinhadas, o que permitiu a elaboração de um *corpus* paralelo (CPTR), formado pelo alinhamento manual dos textos do *corpus* de estudo e seus respectivos TFs.

Após seguirmos todas essas etapas, procedemos ao uso do *WST*©. Utilizamos o *WordList*, que gera lista de palavras de textos, em ordem de frequência e em ordem alfabética, e o *Concord*, que cria linhas de concordância de textos, exibindo seu co(n)texto de uso (SCOTT, 2018). Na investigação sobre colocação pronominal e MDs, seguimos os procedimentos abaixo:

- i) Exploração das listas de palavras dos *corpora* para identificar os pronomes átonos e, tanto nos TTs quanto nos TFs, os MDs, conforme figuras abaixo:

Fig. 1 – Identificando os pronomes átonos na lista de palavras do CETAR.

N	Word	Freq.	%	Texts	% Disp...ion	Lei
1	QUE	473	3,47	4	10...0	0,95
2	DE	434	3,19	4	10...0	0,96
3	O	411	3,02	4	10...0	0,93
4	A	387	2,84	4	10...0	0,91
5	NÃO	330	2,42	4	10...0	0,92
6	É	198	1,45	4	10...0	0,95
7	PARA	193	1,42	4	10...0	0,88
8	SE	168	1,23	4	10...0	0,92
9	UM	162	1,19	4	10...0	0,88
10	UMA	130	0,95	4	10...0	0,94
11	E	124	0,91	4	10...0	0,91

Fonte: SILVA (2018, p. 97).

⁶ Disponível para *download* gratuito em: <<http://www.nikse.dk/subtitleedit/>>. Acesso em: 30 set. 2017.

Fig. 2 – Identificando os MDs na lista de palavras do CETAR.

N	Word	Freq.	%	Texts	% Disp...ion	Lemmas	Set
33	COMO	55	0,40	4 10...0	0,89		
34	AS	53	0,39	4 10...0	0,81		
35	DOBRA	53	0,39	4 10...0	0,77		
36	HÁ	53	0,39	4 10...0	0,88		
37	NA	52	0,38	4 10...0	0,87		
38	TEMPO	52	0,38	4 10...0	0,60		
39	BEM	51	0,37	4 10...0	0,84		
40	AQUI	45	0,33	4 10...0	0,84		
41	ESTÃO	43	0,32	4 10...0	0,78		
42	FAZER	43	0,32	4 10...0	0,74		
43	SIM	39	0,29	4 10...0	0,80		
44	ESTOU	38	0,28	4 10...0	0,83		
45	SUA	38	0,28	4 10...0	0,82		
46	ALGO	37	0,27	4 10...0	0,82		

Fonte: SILVA (2018, p. 100).

- ii) Criação de arquivos no *Concord* para cada pronome e MD identificado, conforme exemplo da figura abaixo:

Fig. 3 – Disposição dos verbos em relação ao pronome se no CETAR.

Concordance

N	Text
27	fé em particular, capitão? Acho que pode-se dizer que tento manter a ment
28	de um piloto para o próximo voo. Lembra-se do que Buzz Aldrin disse
29	serão bem-vindos amanhã. Eu os aviso. Divirta-se, doutor. É o que planejo,
30	a caminho. Senhor, ela se foi. Como? Desmaterializou-se E não está nas
31	povo muito espiritual. Nossas crenças baseiam-se em lógica e busca por
32	foi meio duro com a Eddie. Todos estão se esforçando para resolver isso. Você
33	pela nave. Parece que o capitão está se esforçando. Espero que ele não
34	miação. Certamente vai me dizer. Você se esforçou demais. Era tudo certifi

Fonte: SILVA (2018, p. 98).

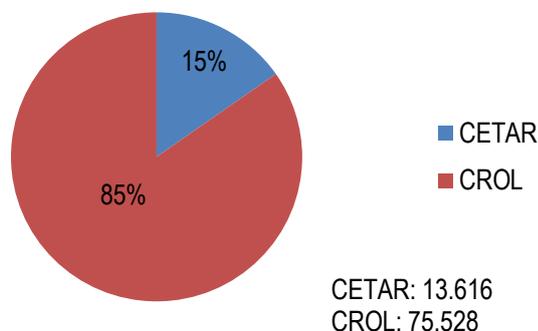
- iii) Eliminação das linhas de concordância em alguns arquivos que mostravam palavras parecidas com os pronomes e os MDs, mas que tinham outras funções sintáticas.
- iv) Contabilização dos pronomes de cada *corpus* e identificação da posição que ocupavam em relação ao verbo, bem como dos MDs em ambas as línguas, para futura criação de gráficos.
- v) Escolha dos dois pronomes mais frequentes no CETAR para análise qualitativa, o *me* e o *nos*, e dos MDs *não é?*, *né?* e *tá(!)*.

- vi) Análise dos exemplos selecionados com base nas regras de emprego da colocação pronominal, segundo as gramáticas normativas e descritivas do PB, dos enunciados em que os MDs se encontravam nos TTs e nos TFs, dos registros linguísticos adotados pelos personagens em seus respectivos contextos sociodiscursivos de uso e nos elementos polissemióticos que corroboraram para a construção das cenas.

4 A impressão digital da legendista: o emprego da colocação pronominal e de marcadores discursivos em *Star Trek: Enterprise*

A geração de dados estatísticos da pesquisa se deu a partir da inserção do CETAR e do CROL no *WordList*, cujos resultados gerais indicaram o tamanho dos *corpora*. Para Berber Sardinha (2000), um *corpus* de referência maior que o de estudo, como é o caso do CROL, pode levar a análises mais confiáveis ao se compararem aspectos linguísticos entre *corpora* distintos. No gráfico a seguir, observamos o tamanho dos *corpora* em *tokens*, isto é, em palavras gerais.

Gráf. 1 – Tamanho dos *corpora* em *tokens*.



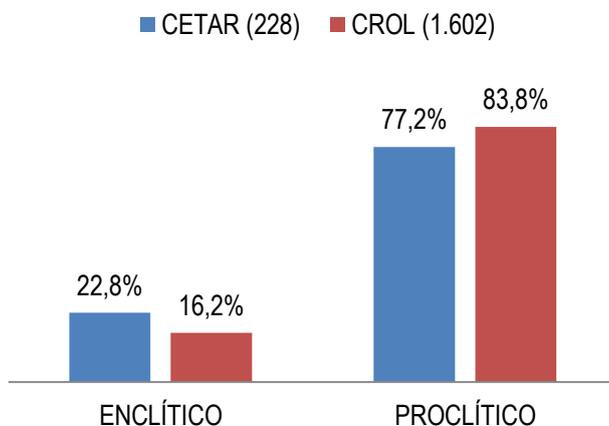
Fonte: SILVA (2018, p. 95).

Considerando os dados disponíveis em ambos os *corpora*, iniciamos, a partir do tópico a seguir, a análise do emprego de dois recursos estilísticos por Talita Ribeiro em relação ao trabalho feito por outros legendistas.

4.1 Colocação pronominal

O uso dos pronomes foi empregado de forma diferente pelos legendistas, como o gráfico abaixo denota.

Gráf. 2 – Tipos de colocação pronominal mais frequentes nos *corpora*.



Fonte: SILVA (2018, p. 108).

Percebemos, inicialmente, a predominância do uso proclítico dos pronomes em ambos os *corpora* em detrimento do uso enclítico. Especificamente, notamos que Talita mostra uma preferência maior pela ênclise do que os outros legendistas. Diante desses resultados, se admitirmos que a próclise é mais frequente na oralidade e em registros informais, e que a ênclise é mais visível na escrita formal, é provável que as escolhas de Talita pela ênclise gerem legendas mais formais e se adéquem mais ao que é esperado na modalidade escrita da língua do que na oralidade.

Em se tratando do uso do pronome *me* com vários verbos, como é o caso do verbo *dar*, observamos algumas diferenças entre os *corpora* dos tradutores. Enquanto no CETAR a diferença de uso é de 60% (enclítico) a 40% (proclítico), no CROL, das 25 ocorrências do verbo com o pronome, 20% são com o *me* empregado encliticamente, enquanto que 80% foi usado procliticamente. Esses resultados são bastante diferentes, reforçando assim a preferência de Talita pela ênclise.

Em uma cena na série, quando o personagem disse “**Hand me that micro-caliper**”, a legendista em estudo seguiu o prescrito nas normas gramaticais e produziu a legenda “**Dê-me** aquela pinça”, pois a ênclise é requerida ao se iniciar sentenças (CUNHA; CINTRA, 2008). Observe-se parte da cena retratada na figura a seguir.

Fig. 4 – Exemplo de uso enclítico do pronome *me* em cena do STT2E16_T.



Fonte: Berman; Braga (2003).

Pela figura acima, os personagens Tucker e Reed dialogam quando ambos se debruçam sobre a maquinaria de um dispositivo misterioso, retirado de uma nave à deriva que eles capturaram do espaço, e conversam a respeito da viagem ao tempo. O contexto sociolinguístico na cena é construído por expressões e vocabulário de uso coloquial, segundo a classificação de Bowen (1972 apud TRAVAGLIA, 2006), usados por ambos os personagens, como “*jumps to the end of the book*”, “*better left a mystery*”, “*What’s the fun?*”, entre outras. O interessante a perceber é que a legenda “Dê-me aquela pinça”, funcionando como um imperativo advindo do enunciado “*hand me that micro-caliper*”, soa mais formal do que o TF e o contexto retratados nas cenas pelos interlocutores, além de não parecer tão natural quanto se esperaria que fosse um diálogo entre dois amigos, não correspondendo assim às relações construídas nesse ambiente polissemiótico.

Ao fazermos uma busca no CROL, percebemos que, em outro contexto, Tucker proferira o mesmo enunciado para Reed, mas a tradução foi “Me passa a hiperchave?” (“*Hand me that hyperspanner*”), que se revela mais compatível com o contexto coloquial representado na cena.

Em relação ao emprego do pronome *nos*, não se observaram tantas diferenças entre o CETAR e o CROL em relação à frequência de uso e ao modo de emprego dos pronomes aos verbos em seus contextos de usos. No entanto, alguns casos serão apresentados a seguir.

Em uma cena, como visto na figura 5, observamos o uso enclítico no CETAR do *nos* ao verbo conjugado e verificamos a correspondência às normas gramaticais anteriormente mencionadas: “Encontre-nos nos aposentos do capitão.” (“*Meet us in the captain’s quarters on the double*”).

Fig. 5 - Exemplo de uso enclítico do pronome *nos* em cena do STT1E10_T.



Fonte: Berman; Braga (2001).

A motivação para essa escolha linguística não parece advir nem dos contextos sociolinguístico nem polissemiótico de uso, que aqui são, respectivamente, marcados por orações sem sujeito nem verbo, como em “*still skeptical?*”, “*you there?*”, expressões como “*on the double*” (omitida na legenda), e, conforme figura 5, pelo estado atônito dos personagens Tucker e T’Pol, que acabaram de presenciar o assassinato de um dos membros da tripulação e estavam preocupados com a segurança do capitão. A tradução também se caracteriza como um imperativo, pois o Dr. Phlox é chamado a se encontrar com Tucker e T’Pol urgentemente. Sendo assim, a motivação parece ter vindo da própria legendista em usar o pronome encliticamente. Segundo as escolhas dos outros legendistas e como observado no CROL, entre outros verbos, com relação ao verbo *encontrar*, o único caso enclítico pode ser observado no enunciado “**Encontre-nos** fora da baía 2” (“*Meet us outside launch bay 2*”), que corresponde às regras da gramática, mas não contempla o registro linguístico empregado pelos interlocutores da cena. Entre os usos da próclise, que, em sua maioria, seguiram o contexto sociolinguístico e as normas gramaticais e do PB, um exemplo pode ser visto em: “Ficamos de **nos encontrar** há 15 minutos” (“*We were scheduled to rendezvous 15 minutes ago*”). Esse enunciado sugere o uso facultativo da ênclise após preposições, como *de*, mas os outros legendistas optaram por reforçar a regra geral do PB em prol da sua familiaridade pelos ouvintes brasileiros.

Para os casos de colocação de ambos os *corpora* apresentados acima, vale adicionar que as escolhas dos legendistas independeram das normas espaço-temporais da legendagem, pois traduções como “me dê”, “dê-me” e “encontre-nos”, por exemplo, ocupariam a mesma

quantidade de caracteres e poderiam permanecer na tela por tempo similar. Esse fato determina, portanto, que as normas da Netflix não influenciaram as decisões tradutórias.

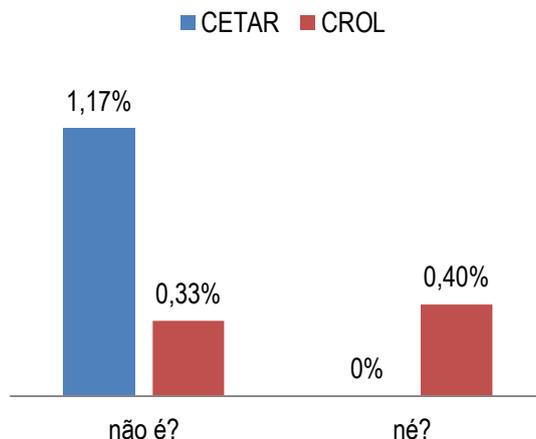
Observamos, também, que as mudanças de registro notadas entre o que é adotado no TF e no TT, principalmente no CETAR, é um indício estilístico também detectado na pesquisa de Barcellos (2016). Em algumas situações, a pesquisadora observou que as escolhas linguísticas do tradutor, em relação ao uso de expressões convencionais, tornaram os TTs um pouco mais coloquiais do que seus respectivos TFs. Nos casos examinados aqui, os TTs indicaram um registro mais formal do que o dos contextos sociolinguísticos dos TFs. Sendo assim, essas não correspondências com o contexto do TF, possivelmente justificadas pela observância das regras gramaticais por parte de Talita Ribeiro em combinação com as exigências impostas pelas instituições do seu passado profissional, parecem indicar o lugar onde a impressão digital da tradutora pode ser encontrada.

4.2 Marcadores discursivos

No tocante à análise do emprego de MDs, partimos da hipótese de que a opção da legendista aqui enfocada por certos MDs em detrimento de outros, inclusive em contraste com o modo como os outros legendistas os empregaram, poderia ilustrar a forma por meio da qual ela (re)constrói a oralidade pré-fabricada no texto escrito através de MDs que podem soar formais e/ou informais. O foco aqui recai sobre MDs que, por um lado, foram sugeridos pela tradutora em entrevista (RIBEIRO, 2018) e mencionados pelos guias de estilo da Netflix e, por outro, que poderiam não ter sofrido influências diretas dos TFs, apesar de poderem inevitavelmente padecer às regras espaço-temporais da legendagem, a saber: *não é?* vs. *né?* e *tá(!)* vs. *certo*.

No caso dos MDs *não é?* e *né?*, obtivemos alguns resultados iniciais, como visto no gráfico abaixo.

Gráf. 3 – Percentual de uso dos marcadores *não é?* e *né?* no CETAR e no CROL.

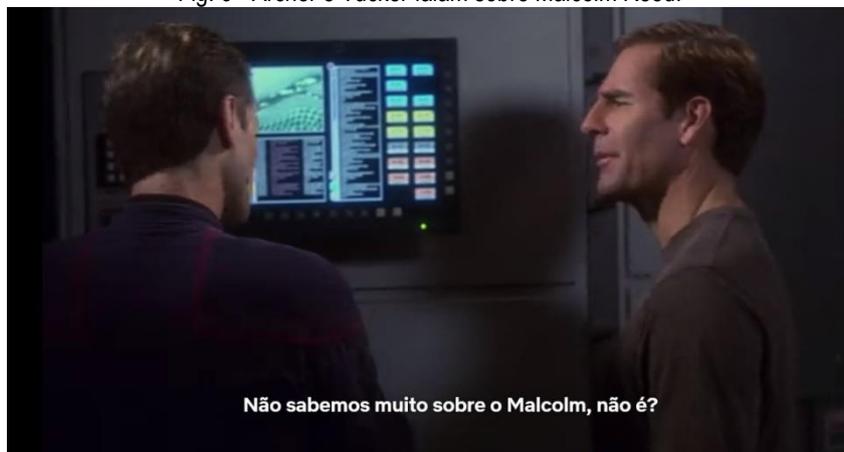


Fonte: SILVA (2018, p. 138).

Percebemos, de imediato, que a legendista usou o marcador *não é?* mais frequentemente do que os outros tradutores. Contudo, ela não fez uso de *né?*, diferentemente dos demais profissionais, embora poderia ter igualmente usado o marcador, pois as regras espaço-temporais certamente permitiriam *né?*, que ocuparia menos espaço e seria lido mais rapidamente do que o MD *não é?*. Sendo assim, essa escolha já denota, à primeira vista, uma preferência individual, observada, inclusive, em dois episódios (50% do CETAR).

Em uma cena, quando dois personagens discutiam sobre Reed e tentavam descobrir a sua comida favorita, a tradução para a *tag question* é vista em “Não sabemos muito sobre o Malcolm, **não é?**”, advinda de “*It made me think. We don't know that much malcolm, do we?*”, no CETAR, como visto na figura 6.

Fig. 6 - Archer e Tucker falam sobre Malcolm Reed.



Fonte: Berman; Braga (2001).

O registro adotado pelos personagens nessa cena é o coloquial, despido de marcas que indicam formalidade, tanto quanto as legendas, que se apresentam no registro semiformal. Em seu enunciado, o personagem fez uma breve pausa entre a frase declarativa e a *tag question* “do we?”. A tradução para o MD trabalha em conjunto com esse signo acústico veiculado na cena e, tal como no TF, a tradução do MD reforça o caráter fático do marcador e sinaliza que o falante espera por uma confirmação do ouvinte.

Em relação às escolhas feitas pelos outros legendistas, como compilado no CROL, observamos que eles usam mais o *né?* do que o *não é?*. Com relação ao registro utilizado, a contração *né?* nas legendas garante um registro informal na escrita por ser uma forma abreviada, na classificação de Bowen (1972 apud TRAVAGLIA, 2006). Contudo, no caso de *não é?*, as legendas enquadram-se no registro semiformal, embora não menos se isentam de acompanhar o contexto já coloquial dos personagens.

No contexto das cenas dos usos de *né?*, por exemplo, percebemos que a maioria deles sinaliza uma pergunta não retórica, isto é, demarca a necessidade do falante pelo retorno do ouvinte, mesmo que nem sempre essa necessidade seja correspondida nas cenas, como no enunciado “Pensou que eu fosse membro da Cábala, **né? Não pensou?**” (“*You believed I was a member of the cabal, **didn't you? Didn't you?***”). Em outro enunciado, quando o uso é retórico, observamos a atitude do falante sobre o que diz: “Estamos a caminho? Não perdeu tempo, **né?**” (“*Are we underway? You didn't waste much time, **did you?***”).

Em se tratando do MD *tá(!)*, não foi detectada nenhuma ocorrência desse marcador no CETAR. Por outro lado, apenas o CROL mostrou resultados desse MD. No CROL, ele pode ser lido no enunciado “**Tá.** Minha nave fica pronta em 3 dias.” (“***Fine.** I can have my ship ready to go in three days.*”). Nesse enunciado, Archer usou o MD “*tá.*” para concordar com o que os outros personagens discutiam, mesmo que, na cena, ele esteja bastante furioso e não queira, de fato, concordar com a ideia de partir da Terra tão rapidamente. Nesse e nos demais contextos dos enunciados do CROL, o registro adotado pelos personagens foi o coloquial, sugerindo que a legenda apresentava-se no registro informal, devido ao uso do *tá(!)* de forma abreviada, na classificação de Bowen (1972 apud TRAVAGLIA, 2006).

Nos enunciados do CROL, o marcador teve sentido similar a outros MDs, como *certo* e *está bem*, e desempenharam funções semelhantes, como aquela que Urbano (2006) chama de *feedback*, isto é, retorno. Embora Talita não tenha usado *tá(!)*, ela empregou *certo*, como no enunciado “Certo, me dê uma pinça” (“*All right, hand me a micro-caliper.*”). Esse fato implica

dizer que, apesar de a tradutora não ter optado por esse marcador abreviado, seguindo, assim, o estipulado pelas normas da Netflix, ela não se isentou de traduzir esses marcadores do inglês quando foi necessário e o contexto tradutório permitiu. Em termos de registro, a escolha por *certo* fez jus ao espectro semiformal da língua escrita (BOWEN, 1972 apud TRAVAGLIA, 2006).

Considerações Finais

Neste artigo, objetivamos reportar resultados de uma investigação de mestrado sobre estilo da legendista (SILVA, 2018). Com o suporte metodológico fornecido por duas ferramentas do WST®, obtivemos resultados quantitativos dos pronomes e dos MDs. No primeiro caso, percebemos que a legendista em enfoque teve preferência pela ênclise em comparação aos outros legendistas, enquanto eles optaram mais frequentemente pela próclise. No segundo caso, notamos que a legendista em estudo optou por marcadores que aderem mais facilmente às normas da Netflix, como *não é?* e *certo*, em detrimento de outras formas mais comuns aos outros tradutores, como *né?* e *tá(!)*.

No caso da colocação pronominal em contexto, o emprego da ênclise sugere o uso do registro formal da língua, enquanto o da próclise aponta para o emprego do registro informal e da regra geral do PB. Ao fazer uso da ênclise, Talita Ribeiro, ao mesmo tempo em que obedece às regras prescritivas do PB, altera o registro dos TFs em muitos casos do pronome *me*, mas nem sempre quando opera o uso de *nos*. Ao utilizar a próclise, por outro lado, a legendista segue o registro usado nos TFs e adere à regra geral do PB no emprego de ambos os pronomes aqui estudados. Os efeitos de uso para esses padrões da colocação pronominal indicam, pelo viés da ênclise, legendas mais formais e, até certo ponto, não tão naturais e, pelo emprego da próclise, maior naturalidade e familiaridade ao que é típico à língua do espectador que se entretém com a obra.

No tocante aos usos dos MDs em contexto, notamos que a preferência da legendista por *não é a né?* e *certo a tá(!)* ilustra a anuência às regras da Netflix e enfatiza a tendência da tradutora, em contraste com os demais legendistas, a produzir legendas semiformais em seu contexto escrito alvo, a partir do registro coloquial em seu contexto alvo de oralidade pré-fabricada. No entanto, o emprego desses MDs é tão comum no português falado e escrito quanto os MDs abreviados e utilizados mais frequentemente pelos outros legendistas, embora ocorram com menor frequência.

Outro aspecto observado é que, em nenhum dos casos de colocação pronominal ou do emprego dos MDs, a legendista sofreu influências dos TFs, à exceção dos poucos casos em que correspondeu ao registro neles utilizado. Motivações advindas da língua fonte também não foram encontradas, tendo em vista que a língua inglesa, diferentemente do PB, não utiliza a próclise, e que os MDs aqui estudados não apresentaram variação sintática nem fonética no inglês. Além disso, todos os resultados aqui coletados foram observados consistentemente ao longo de todas as quatro traduções analisadas do CETAR, apesar de alguns fenômenos terem sido observados mais frequentemente em alguns episódios do que em outros, o que confirma, assim, a consistência e padronização desses hábitos linguísticos da legendista.

Similarmente a outras investigações de cunho científico, esta pesquisa também apresenta delimitações, principalmente em relação ao objeto de estudo e aos objetivos da pesquisa que originaram este artigo. Para pesquisas futuras, no intuito de obtermos mais indícios do estilo de Talita Ribeiro, o escopo da investigação poderá ser ampliado para: a maneira que a legendista emprega os pronomes e os MDs aqui estudados em textos originalmente escritos em PB e em outros TTs; a forma que ela utiliza outros pronomes e MDs; o modo que ela opera demais peculiaridades linguísticas, como advérbios, adjetivos, substantivos, por exemplo; entre outros aspectos.

Não obstante, podemos tecer algumas últimas considerações finais a partir do que foi estudado e analisado nesta investigação. Ao retornarmos à pergunta que introduz o título deste artigo, compreendemos que a impressão digital da legendista pode ser encontrada por meio das formas peculiares de emprego de pronomes e de MDs específicos, caracterizando assim a sua forma de expressão pessoal pelo uso variado de registros linguísticos, com preferência pelo registro formal da língua portuguesa.

Referências

- BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2011.
- BAKER, Mona. Corpus linguistics and translation studies: implications and applications. In: BAKER, Mona et al. (Eds.). *Text and technology: In honour of John Sinclair*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1993. p. 233-250
- _____. Corpora in translation studies: an overview and some suggestions for future research. *Target*, Amsterdam/Philadelphia, v. 7, n. 2, p. 223-243, 1995.

_____. Corpus-based translation studies: the challenges that lie ahead. In: SOMERS, Harold. (ed.) *Terminology, LSP and translation: studies in language engineering in honour of Juan C. Sager*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1996. p. 177-186.

_____. Towards a methodology for investigating the style of a literary translator. *Target*, Amsterdam/Philadelphia, v. 12, n. 2, p. 241-266, 2000.

BARCELLOS, Carolina Pereira. *Estilo da tradução, convencionalidade e mudanças na tradução: um estudo de caso sobre os padrões de escolhas do tradutor Paulo Henriques Britto*. 2016. 196f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos)–Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.

BERBER SARDINHA, Tony. Comparing corpora with WordSmith Tools: how large must the reference corpus be? In: Annual Meeting of the Association for Computational Linguistics, 38, 2000, Hong Kong. *Proceedings of the Workshop on Comparing Corpora...* Hong Kong: Hong Kong University of Science and Technology, 2000. p. 7-13. Disponível em: < <https://dl.acm.org/citation.cfm?id=1117731>>. Acesso em: 26 mar. 2018.

_____. *Linguística de corpus*. Barueri: Manole, 2004.

_____. *Pesquisa em Linguística de Corpus com WordSmith Tools*. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

BOWEN, J. Donald. A multiple register approach to teaching English. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 35-44, 1972.

CAMARGO, Diva Cardoso. *Metodologia de pesquisa em tradução e linguística de corpus*. São Paulo: Cultura Acadêmica / São José do Rio Preto: Laboratório Editorial do IBILCE/UNESP, 2007.

CHAUME, Frederic. Film Studies and Translation Studies: two disciplines at stake in audiovisual translation. *Meta: Translators' Journal*, Montréal, v. 49, n. 1, p. 12-24, 2004.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DÍAZ CINTAS, Jorge; REMAEL, Aline. *Audiovisual translation: subtitling*. Manchester: St. Jerome, 2007.

DOWNING, Angela; LOCKE, Philip. The declarative and interrogative clause types. In: _____. (Orgs.). *English grammar: a university course*. 2. ed. Routledge: New York, 2006. p. 181-189.

FARACO, Carlos Emilio; MOURA, Francisco Marto. *Gramática*. 19. ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

GALVES, Charlotte; ABAURRE, Maria Bernadete Marques. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira; BASÍLIO, Margarida (Orgs.). *Gramática do português falado*. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002. v. 4. p. 267-312.

GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 26. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

GEORGAKOPOULOU, Panayota. Subtitling for the DVD industry. In: DÍAZ CINTAS, Jorge; ANDERMAN, Gunilla (Org.). *Audiovisual translation: language transfer on screen*. Great-Britain: Palgrave Macmillan, 2009. p. 21-36.

GOTTLIEB, Henrik. Multidimensional translation: semantics turned semiotics. In: MuTra: Challenges of Multidimensional Translation, 1, 2005, Saarbrücken. *Conference proceedings...* Saarbrücken: Saarland University, 2005a. p. 1-29. Disponível em: <http://www.euroconferences.info/proceedings/2005_Proceedings/2005_Gottlieb_Henrik.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2017.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Estilística e discurso: estudos produtivos sobre texto e expressividade*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

JAKOBSON, Roman. On linguistic aspects of translation. In: VENUTI, Lawrence. (Ed.). *The translation studies reader*. London / New York: Routledge, 2000. p. 113-118.

LEECH, Geoffrey; SHORT, Mick. *Style in Fiction: a Linguistic introduction to English fictional prose*. Harlow: Pearson/Longman, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Marcadores conversacionais. In: _____. *Análise da conversação*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003. p. 61-74.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Usos do marcador discursivo tá? *Veredas: revista de estudos linguísticos*, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 89-106, 2009.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; ALCÂNTARA, Fabiana. Discursivização na partícula né? In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZARIO, Maria Maura (Orgs.). *Gramaticalização no Português do Brasil: uma Abordagem Funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 156-163.

NETFLIX. *Timed text style guide: general requirements*. Scotts Valley: Netflix, 2019a. Disponível em: <<https://backlothelp.netflix.com/hc/en-us/articles/215758617-Timed-Text-Style-Guide-General-Requirements>>. Acesso em: 09 dez. 2019.

NETFLIX. *Brazilian Portuguese timed text style guide*. Scotts Valley: Netflix, 2019b. Disponível em: <<https://backlothelp.netflix.com/hc/en-us/articles/215600497-Brazilian-Portuguese-Timed-Text-Style-Guide>>. Acesso em: 09 dez. 2019.

PYM, Anthony. *Method in translation history*. Manchester: St. Jerome, 1998.

_____. *On translator ethics: principles for mediation between cultures*. Amsterdam: Benjamins, 2012.

REID, Helen. Literature on the screen: subtitle translating for public broadcasting. *SQR Studies in Literature*, [S.l.], n. 5, p. 97-107, 1996.

RIBEIRO, Talita Guimarães Sales. Entrevista concedida a Janailton Mick Vitor da Silva. Brasília, 22 fev. 2018. [A entrevista está disponível em: SILVA, Janailton Mick Vitor da. Entrevista com Talita Guimarães Sales Ribeiro. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 38, n. 3, 2018.]

RISSO, Mercedes Sanfelice. Marcadores discursivos basicamente seqüenciadores. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006. p. 427-496. v. 1.

RISSO, Mercedes Sanfelice; OLIVEIRA E SILVA, Giselle Machline de; URBANO, Hudinilson. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi;

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. (Orgs). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006. p. 403-425. v. 1.

SALDANHA, Gabriela. Translator style: methodological considerations. *The Translator*. UK, v. 17, n. 1, p. 25-50, 2011a.

_____. Style of translation: the use of foreign words in translations by Margaret Jull Costa and Peter Bush. In: KRUGER, Alet; WALLMACH, Kim; MUNDAY, Jeremy. (Ed.). *Corpus Based Translation Studies: Research and Applications*. London/New York: Continuum, 2011b. p. 237-258.

SCHIFFRIN, Deborah. Discourse markers: language, meaning, and context. In: SCHIFFRIN, Deborah; TANNEN, Deborah; HAMILTON, Heidi E. (Eds.). *The handbook of discourse analysis*. Malden; Oxford: Blackwell Publishers Ltd., 2001. p. 54-75.

SCOTT, Mike. *WordSmith Tools manual*. Stroud: Lexical Analysis Software Ltd., 2018.

SILVA, Janailton Mick Vitor da. *Que espaço a legendista ocupa? Um estudo sobre estilo do tradutor*. 2018. 176f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

STAR TREK: ENTERPRISE (TEMPORADA 1, EPISÓDIO 10, COLD FRONT). Direção de Robert Duncan McNeill. Paramount Studios. EUA: 2001. Los Angeles: Paramount Network Television, 2001. TV (45 min), colorido.

STAR TREK: ENTERPRISE (TEMPORADA 1, EPISÓDIO 11, SILENT ENEMY). Direção de Winrich Kolbe. Paramount Studios. EUA: 2002. Los Angeles: Paramount Network Television, 2002. TV (45 min), colorido.

STAR TREK: ENTERPRISE (TEMPORADA 2, EPISÓDIO 16, FUTURE TENSE). Direção de James Whitmore Jr. Paramount Studios. EUA: 2003. Los Angeles: Paramount Network Television, 2003. TV (43 min), colorido.

STAR TREK: ENTERPRISE (TEMPORADA 2, EPISÓDIO 24, FIRST FLIGHT). Direção de LeVar Burton. Paramount Studios. EUA: 2003. Los Angeles: Paramount Network Television, 2003. TV (43 min), colorido.

TOTTIE, Gunnel; HOFFMANN, Sebastian. Tag questions in British and American English. *Journal of English Linguistics*, Lancaster, v. 34, n. 4, p. 283-311, 2006.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A variação linguística e o ensino de língua materna. In: _____. *GRAMÁTICA E INTERAÇÃO: uma proposta para o ensino de gramática*. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 41-66.

URBANO, Hudinilson. Marcadores discursivos basicamente interacionais. In: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Gramática do português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006. p. 497-527. v. 1.

